

O HOMEM DOS REMEDEIOS

E.V. foi directo ao assunto; ele não era de modo nenhum um encantador de cavalos. Era um homem de remedeios. Era capaz de corrigir cavalos com problemas, e quando ele os corrigia eles ficavam mesmo em forma. Não tinha outras pretensões. Nós tínhamos um cavalo que estava a precisar que lhe dessem a volta. Um cavalo de cinco anos que o meu pai tinha arranjado no refugio do circuito da feira de Sonoma, onde corria para os prémios de 1200 dólares. Era bastante bonito, tinha quadris e pernas fortes, mas o cérebro era do tamanho de uma ervilha. Tinha o hábito intolerável de puxar para trás com toda a força apoiando-se numa perna, sempre que estava amarrado a qualquer coisa sólida. No dia em que ele fez cair sobre si próprio metade da parte lateral do nosso celeiro de madeira, foi quando chamámos E.V. Ele apareceu-nos em casa uma semana mais tarde com o seu equipamento velho e estragado: um *Chevrolet* de '54 de meia tonelada com matrícula do Arizona, e um atrelado com capacidade para transportar um cavalo, que exibia uns pneus carecas e um tejadilho em tela que abanava. Estacionava sempre

o comprido conjunto das duas viaturas lá em baixo onde o terreno era plano e fazia a pé a subida íngreme de cascalho até à casa, porque não tinha espelhos retrovisores que lhe permitissem fazer a manobra na nossa curva apertada como um gancho de cabelo. Não vinha a nossa casa com grande frequência, porque o meu pai conseguia tratar sozinho da maior parte dos «cabeças duras», mas quando E.V. nos visitava eu ficava sempre muito excitado com isso.

E.V. era um homem baixo e cheio de energia nos seus cinquenta e muitos, que coxeava com um certo exagero por ter esmagado a rótula do joelho num acidente de ferradoria quando tinha mais ou menos a minha idade; cerca de catorze anos. Subiu a encosta aos solavancos ritmados, com o chapéu de feltro cinzento apontando directamente para o chão e marcando o balanço do seu andar. Trazia ao ombro uma velha câmara de ar remendada e, suspensa da mão esquerda, uma corda grossa de algodão muito branco cuja extremidade enroscara no cinto de crina de cavalo. Sempre pensei que ele devia lavar aquela corda com *Ivory*¹ com muita frequência, para mantê-la tão branca. Era o que havia de mais limpo nele. Quando chegou lá acima não estava a arfar nem a soprar, como se acharia natural num homem da sua idade. Chegou tão leve como se tivesse caído do ar. «Então, Mason, já o despachaste para o matadouro?» Arreganhou os lábios para o meu pai, e assim pudemos entrever os seus poucos dentes castanhos cheios de falhas e os minúsculos diamantes que eram os seus olhos, cujo brilho intenso saía pelas fendas estreitas das pálpebras papudas; como os

¹ *Ivory*: marca de sabão líquido e diversos detergentes domésticos. (N. T.)

olhos dos Índios, com a diferença que eram de um azul muito pálido.

«Se tivesse de esperar por ti mais uma semana, eu próprio lhe cortava a cabeça», disse o meu pai num tom de voz que não soava nada a brincadeira.

«Desculpa, Mason, mas tive de ir fazer uns recados a Oakdale.»

«Recados, uma ova. Andaste por aí a perseguir rabos de saia, foi o que foi.» E.V. soltou um guincho esganiçado de puro prazer animal, e eu e o meu pai tivemos de nos render e rir com ele, embora o meu pai tivesse parado de rir mais depressa do que me pareceu natural. Fomos até ao curral redondo nas traseiras do celeiro destruído, onde o cavalo castrado estava preso, e quando E.V. avisou as madeiras estilhaçadas pelo ataque de fúria do cavalo começou outra vez a sacudir-se de riso.

«Espero que aquele exibicionista não tenha custado mais do que tuta-e-meia, Mason.» Desta vez o meu pai não riu. A voz saiu-lhe num tom desagradável de irritação.

«De qualquer modo, depois de tu acabares com ele já não valerá um tostão furado.» E.V. piscou-me o olho sem o meu pai ver e aquela piscadela de olho fez-me perceber que neste mundo devem existir homens crescidos a quem a vida de facto concede uma centelha qualquer e que conseguem esquivar-se ao buraco negro em que o meu pai caíra. Quando chegámos ao curral redondo, E.V. deixou a câmara de ar escorregar-lhe do ombro para o chão seco, apoiou uma bota num varão e espreitou o cavalo problemático.

«Bastante robusto, não é?»

«Robusto nos estúpidos dos miolos», rosnou o meu pai. E.V. ficou ali debruçado uma porção de tempo, estu-

dando o cavalo que trotava em círculos curtos e nervosos, soprando ranho, de cauda levantada e as orelhas debruadas a negro esticadas na nossa direcção.

«Ele não é assim tão estúpido.» E.V. sorriu com malícia, mantendo os olhos fixos nos movimentos do cavalo. «Já desconfiou que nós estamos a planear qualquer coisa para ele. Ouve o que eu te digo, filho...». Voltou-se para mim, e assim que os seus olhos claros me fixaram foi como se uma mão tépida tivesse pousado suavemente no meu peito. Havia nisso um sentimento de afabilidade que me causou surpresa por eu sentir quanto ansiava por ela. «Leva esta câmara de ar velha até àquele sicômoro e enfia-a à volta daquele ramo que tem muitos nós. Estás a ver aquele ramo?» Apontava para um ramo da enorme árvore que sempre me fizera lembrar carne humana. Era branca da cor dos ossos e musculosa, com tiras vermelhas de casca que serpenteavam pelas dobras profundas do tronco como se fossem artérias. Aquela árvore sempre me causara medo por qualquer razão, principalmente quando eu era pequeno, recortando-se contra as colinas ásperas, negras como breu. A sua brancura parecia olhar-me fixamente e o ramo que E.V. indicava era precisamente a parte que mais me assustava. Algumas vezes desenhei um círculo largo em volta dela com a minha égua baia, certificando-me de que ela não podia dar um salto e agarrar-me, arrancando-me da sela. Mas nessa altura eu era bastante mais jovem, e a pouco e pouco consegui convencer-me a não ter essa ideia fixa acerca dela. «Enfia-a por uma ponta, como eu estou fazendo, até ela ficar ajustada, bem apertada.» E.V. fez a demonstração no seu braço estendido e depois atirou a câmara de ar na minha direcção.

«É melhor que me deixes tratar disso», resmungou o meu pai, avançando como se quisesse pegar na câmara de ar, mas E.V. impediu-o abruptamente.

«Não, deixa-o fazer isso, Mason. Vou precisar de ti aqui para segurares o portão bem aberto. Ele consegue. Amarra-a bem amarrada e lá no alto, filho. Queremos que ela fique por cima da cabeça dele.» Agarrei na câmara de ar e pus-me a andar, antes que o meu pai pudesse pensar duas vezes. Tinha um pressentimento de que E.V. inventara aquela história de precisar do meu pai para segurar no portão. Já o vira fazer manobras com cavalos através de muitos portões sem a ajuda de ninguém.

Tive de subir à árvore fantasmagórica para pôr a câmara de ar bem alta, onde E.V. a queria, e quando acabei de a colocar em volta do ramo e de apertá-la bem, vi que E.V. já tinha apanhado o cavalo com aquela corda branca. O meu pai estava em pé junto ao portão, completamente inútil. Lá de cima, eu tinha uma visão muito clara das coisas, e o ar cheirava a excrementos frescos e a eucalipto. A vista alargava-se até às colinas distantes, castanho-amareladas, descendo em suaves declives, onde os touros de um ano levantavam poeira desenhando uma linha que ia até ao reservatório da água. Quando E.V. atravessou o portão do curral redondo o cavalo explodiu, expelindo gases intestinais e pinoteando com uma força diabólica. E.V. gritou num tom de voz muito alto, com aquele seu cacarejo estridente, dobrou-se sobre os quadris e puxou a cabeça do cavalo para baixo com toda a força, com a corda. O movimento que fez a seguir foi tão rápido que me foi difícil segui-lo. Foi como se estivesse a dançar a jiga e a cantar ao mesmo tempo. Arremessou